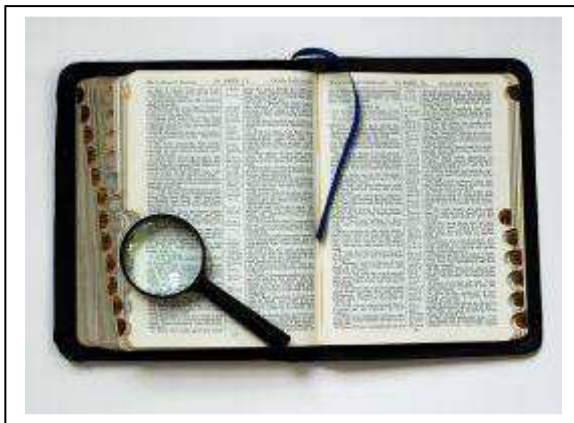




1. PROLEGÔMENOS



A Bíblia é o livro mais vendido do planeta e o livro mais familiar ou mais conhecido até hoje. São 11 milhões de exemplares na versão integral, 12 milhões de Novos Testamentos e 400 milhões de brochuras contendo textos bíblicos vendidos anualmente. A cada minuto 50 Bíblias são vendidas, perfazendo um total diário de 72 mil exemplares aproximadamente! Ainda assim, a Bíblia também é um dos livros menos lidos.

Segundo uma pesquisa realizada pela empresa *Gallup*, apesar de ser um *best seller*, pois está presente em 92% dos lares americanos, menos de 10% dos que se dizem cristãos leram a Bíblia inteira¹.

O pesquisador George Barna², documentou o seguinte: 38% dos americanos se esquecem do Antigo Testamento e acreditam que a Bíblia inteira foi escrita várias décadas após a morte de Jesus; 12% acreditam que a mulher de Noé era Joana D'Arc; 49% acreditam que a Bíblia ensina que o dinheiro é a raiz de todos os males e apenas 12% dos adultos acreditam na história da Arca de Noé. No Brasil, os resultados são ainda piores. Em um país onde 77 milhões de pessoas não lêem livros³, dos que lêem, apenas 10% leram trechos da Bíblia e só 2,5% leem com frequência⁴. Sendo assim, o estudo ordenado e contínuo das Sagradas Escrituras se faz mais do que necessário.

Os ensinamentos bíblicos são imprescindíveis para o homem. Na Bíblia existem doutrinas (ensinos), poemas, provérbios, cânticos, histórias, revelações, profecias, comentários, narrativas e outras formas literárias. Desprezá-la, é ignorar um conteúdo espiritual inestimável – isso porque os autores da Bíblia agiram sob a inspiração direta do Espírito Santo de Deus (cf. 2Timóteo 3.16; 1Pedro 1.12; 2Pedro 1.21).

¹ Veja: <http://healtheland.wordpress.com/2008/01/23/less-than-10-of-professed-christians-have-read-the-entire-bible/>

² **George Barna** é californiano, fundador e presidente da *Barna Research Group Ltd.* e autor de livros como *Marketing na Igreja e Igrejas acolhedoras e amigáveis*.

³ Veja: <http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/127790.html>

⁴ Veja: <http://www.infonet.com.br/gleicequeiroz/ler.asp?id=91406&titulo=gleicequeiroz>

O objetivo desta apostila é fornecer informações importantes sobre a história da Bíblia, sua formação e preservação. Ela ajudará o estudante se preparar para testemunhar em favor da verdade e combater o erro. Mas para isso ele deverá sempre ter em mente as seguintes declarações doutrinárias:

1. A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana;
2. A Bíblia é o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens;
3. Sendo Deus o verdadeiro Autor, a Bíblia foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo;
4. O conteúdo da Bíblia é a verdade, sem mescla de erro e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina;
5. A Bíblia é autoridade única em matéria de religião, e fiel padrão pelo qual devem ser aferidas a doutrina e a conduta dos homens;
6. A Bíblia deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinamentos de Jesus Cristo.

2. O QUE É A BÍBLIA?

É um livro composto por vários livros. A palavra “Bíblia” vem do grego βίβλος (*bíblōs*) que significa “livros”. Em sua essência, a Bíblia é uma coleção ou biblioteca de livros sagrados. Esses livros foram escritos por pessoas diferentes, em épocas diferentes e circunstâncias diferentes. Tais escritos tratam de vários assuntos em diferentes estilos. Em certo sentido, porém, constituem um único Livro. À semelhança do corpo humano, as variedades literárias compõem uma linda unidade. Cada porção das Escrituras tem o seu lugar e entra com sua contribuição. Assim, o leitor que desconheça o processo pelo qual a Bíblia se fez, poderá concluir que todo o volume foi escrito por uma única pessoa. Esse senso de unidade é sentido de tal forma por toda a Bíblia que podemos concluir que ela não é mero produto da mente criativa do ser humano, mas obra-prima de um Autor divino.

A Bíblia está dividida em duas partes: **Antigo Testamento** e **Novo Testamento**. Esses nomes focalizam as duas grandes alianças feitas por Deus com Seu povo.

O termo “testamento” corresponde à palavra hebraica בְרִית (*b^erît* = aliança; pacto; tratado). Tratava-se de uma aliança bilateral, entre Deus e o homem, acompanhada de sinais, sacrifícios e um juramento

solene que selava o pacto com promessas de bênçãos para quem guardasse a aliança e maldições para quem a quebrasse.

O Antigo Testamento é a revelação de Deus para o povo de Israel, apontando para a vinda do Messias, que haveria de ocorrer na plenitude dos tempos:

“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha.” (Êxodo 19.5)

“Então tomou Moisés aquele sangue, e espargiu-o sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o SENHOR tem feito convosco sobre todas estas palavras.” (Êxodo 24.8)

Sendo essa aliança quebrada pela infidelidade do povo, Deus prometeu uma nova aliança que deveria ser ratificada com o sangue de Cristo:

“Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porque eles invalidaram a minha aliança apesar de eu os haver desposado, diz o SENHOR. Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.” (Jeremias 31.31-33)

O Novo Testamento é a revelação de Deus para o bem de todos os povos. Jesus Cristo, o Messias e Salvador, veio na plenitude dos tempos, e com ele teve início a Igreja, fundada sobre o alicerce do testemunho dos apóstolos.

Os escritores do Novo Testamento passaram a chamar a primeira aliança de “antiga aliança”, porque foi substituída por uma aliança superior feita com o sangue de Jesus Cristo:

“Porque isto é o meu sangue; o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados.” (Mateus 26.28)

“O qual nos fez também capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata e o espírito vivifica.” (2Coríntios 3.6)

“Dizendo Nova aliança, envelheceu a primeira. Ora, o que foi tornado velho, e se envelhece, perto está de acabar.” (Hebreus 8.13)

3. UMA BREVE HISTÓRIA DA BÍBLIA

A Bíblia foi escrita por 40 diferentes escritores que representavam 19 diferentes ocupações (pastores, fazendeiros, pescadores, cobradores de impostos, médicos, reis, etc.) que viveram num período em torno de 1.600 anos. São aproximadamente 50 gerações de homens. A Bíblia é composta de 66 livros,

1.189 capítulos, 31.173 versículos, mais de 773.000 palavras e aproximadamente 3.600.000 letras. Gasta-se em média 50 horas para lê-la ininterruptamente (sendo 38 horas para ler o Antigo Testamento e 12 horas para ler o Novo Testamento) ou pode-se lê-la em um ano seguindo estas orientações: 3,5 capítulos diariamente ou 23 por semana ou ainda, 100 por mês em média.

Os primeiros 39 livros da Bíblia foram escritos em quase sua totalidade em hebraico ao longo de um período em torno de 1.000 anos. Houve um intervalo de 400 anos (conhecido como “período intertestamentário”) em que nenhuma Escritura foi redigida, exceto os livros apócrifos (livros que a Igreja Romana, no Concílio de Trento em 1546, declarou inspirados, embora não fizessem parte do cânon do Antigo Testamento estabelecido pelos judeus de Israel. Isso veio ocorrer por causa da Reforma Protestante. Os católicos chamam esses livros de “deuterocanônicos”, isto é, pertencentes ao “segundo cânon”). Depois disto, os últimos 27 livros da Bíblia foram escritos em grego durante um período em torno de 50 anos. Encontra-se traduzida em mais de 1.000 línguas e dialetos, o equivalente a 50% das línguas faladas no mundo.

A Bíblia, na época de Jesus, era chamada de: “Moisés e os Profetas”; “lei de Moisés, profetas e salmos”; “a Escritura” ou “as Escrituras”:

*“Disse-lhe Abraão: Eles têm **Moisés e os Profetas**; ouçam-nos.”* (Lucas 16.29)

*“E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito **na lei de Moisés, e nos profetas, e nos salmos.**”* (Lucas 24.44)

*“Quem crê em mim, como diz **a Escritura**, rios de água viva correrão do seu ventre.”* (João 7.38)

*“E Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles e, por três sábados, disputou com eles sobre **as Escrituras.**”* (Atos 17.2)

Três idiomas foram utilizados na composição original da Bíblia. São eles:

- 1) **Hebraico.** Quase todo o Antigo Testamento foi escrito em hebraico, pois algumas passagens dos livros de Esdras, Jeremias e Daniel foram escritas em aramaico. Era o idioma dos Judeus, porém estes perderam o uso desta língua quando retornaram do exílio em Babilônia com uma nova língua: o aramaico. O alfabeto hebraico contém 22 letras, sem vogais, e se lê da direita para a esquerda. Os sinais vocálicos foram introduzidos na escrita hebraica após o século VI, sendo chamados de textos “massoréticos”.
- 2) **Aramaico.** Grupo de dialetos intimamente relacionados com o hebraico e falados na Terra de Israel e em outros países do mundo bíblico (cf. 2Reis 18.26). Faz parte juntamente com o hebraico da família das línguas semíticas, falado na região da Síria e na área da Arábia Pétria. O povo

judeu recebeu muita influência do aramaico, quando foi levado cativo para Babilônia, foi tão grande a influência, que ao retornarem do exílio, o aramaico era a língua oficial. Era desta forma a língua do povo no tempo de Cristo e da igreja primitiva. Atualmente o aramaico é falado em Malloula, uma pequena vila da Síria. Os trechos em aramaico do Antigo Testamento são: Esdras 4.8-6,18; 7.12-26; Daniel 2.4-7.28; Jeremias 10.11.

- 3) **Grego *koiné* (comum)**. Língua difundida pelo império de Alexandre, o Grande, que viveu de 356 até 323 a.C. Ele conquistou o mundo civilizado desde a Grécia até a Índia. É também conhecido como Alexandre Magno. Deus preparou o cenário para que o Novo Testamento fosse escrito nessa língua detalhista. Quando a Grécia tornou-se um império mundial, influenciou várias nações com sua língua, desta forma quando os evangelhos foram escritos podiam ser entendidos sem problemas por todo o império romano. O grego *koiné* era a língua usada por comerciantes, médicos, escritores e políticos.

Até a invenção da gráfica por Gutenberg, a Bíblia era um livro extremamente raro e caro, pois eram todos feitos artesanalmente (manuscritos) e poucos tinham acesso às Escrituras.

4. A CANONICIDADE DA BÍBLIA

Um livro é canônico quando, desde que foi aceito pelo povo de Deus como divinamente inspirado. O termo “cânion”, do hebraico קָנֶה (*qāneh*) e do grego κανόν (*kanón*), significa “regra”, “norma” ou “medida”. Literalmente significa uma “vara” ou “instrumento de medir” (cf. Ezequiel 40.3). Refere-se a um tipo de cana fina e comprida, semelhante às varas usadas para pescar. As varas desse material eram usadas como réguas para medir e, portanto, a palavra veio significar régua ou fixação de uma determinada matéria. Com o tempo passou a designar “norma ou regra” (cf. Gálatas 6.16), e hoje significa “catálogo de uma revelação completa e divina”. A palavra indica a lista dos livros inspirados por Deus, que compõem a Bíblia e são aceitos sem contestações pela Igreja. A “canonização” de um livro não significa que homens lhe concederam autoridade e inspiração divina, mas sim que homens formalmente oficializaram o que sempre foi reconhecido. Deus guiou os concílios de modo que o cânion fosse reconhecido.

5. A FORMAÇÃO DO CÂNION DO ANTIGO TESTAMENTO

O cânion do Antigo Testamento refere-se ao conjunto dos livros do Antigo Testamento que a igreja cristã reconhece como genuínos e inspirados. O cânion do Antigo Testamento é o mesmo para os judeus e os evangélicos e nele há 39 livros. O cânion católico tem a mais 7 livros e algumas porções.

Alguns afirmam que todos os livros do cânion do Antigo Testamento foram reunidos e reconhecidos sob a liderança de Esdras (século V a.C.). Séculos depois, o Sínodo de Jamnia (uma reunião de rabinos judeus), que ocorreu em 90 d.C., reconheceu os livros do Antigo Testamento.

Para os judeus não existe um “Antigo Testamento”. O livro que os cristãos chamam de Novo Testamento não é parte das escrituras judaicas. O assim chamado Antigo Testamento é conhecido como תנ"ך (*Tanákh*). Na realidade תנ"ך (*Tanákh*) é uma sigla formada com termos hebraicos. Serve como um acróstico utilizado dentro do judaísmo para denominar seu conjunto principal de livros sagrados. Ele é o que se pode chamar de Bíblia Hebraica.

O termo תנ"ך (*Tanákh*) é formado pelas sílabas iniciais de três seções de livros, a saber: תוֹרָה (*tôrāh*) = “ensino”, “instrução”), נְבִיאִים (*nevi'im* = “Profetas”) e כְּתוּבִים (*kethuvim* = “os Escritos”). De acordo com a tradição judaica, o תנ"ך (*Tanákh*) consiste de vinte e quatro livros. A תוֹרָה (*tôrāh*) possui cinco livros, o נְבִיאִים (*nevi'im*) oito e o כְּתוּבִים (*kethuvim*) onze. Esses vinte e quatro livros são os mesmos livros encontrados no Antigo Testamento protestante, mas sua ordem é diferente. A enumeração também difere: os cristãos contam esses livros como trinta e nove, pois contam como vários alguns livros que os judeus contam como um só.

“E aquelas tábuas eram obra de Deus; também a escritura era a mesma escritura de Deus, esculpida nas tábuas.” (Êxodo 32.16)

“[Josué] Também escreveu ali em pedras uma cópia da lei de Moisés, que já tinha escrito diante dos filhos de Israel.” (Josué 8.32)

“Palavra que do Senhor veio a Jeremias, dizendo: Assim fala o Senhor, Deus de Israel, dizendo: Escreve num livro todas as palavras que te tenho dito.” (Jeremias 30.1-2)

6. A FORMAÇÃO DO CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

O cânon do Novo Testamento refere-se ao conjunto de 27 livros do Novo Testamento que a Igreja cristã reconhece como genuínos e inspirados. O cânon do Novo Testamento é igual para evangélicos e católicos. Os primeiros cristãos que receberam os escritos originais dos Apóstolos sabiam quais eram os verdadeiros e providenciaram suas cópias para as outras igrejas. O apóstolo Paulo mandou divulgar suas cartas entre as igrejas, mas, orientou que elas fossem preservadas e alertou sobre falsificações:

“E, quando esta epístola tiver sido lida entre vós, fazei que também o seja na igreja dos laodicenses, e a que veio de Laodicéia lede-a vós também.” (Colossenses 4.16)

“Pelo Senhor vos conjuro que esta epístola seja lida a todos os santos irmãos.” (1 Tessalonicenses 5.27)

“Então, irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa.” (2 Tessalonicenses 2.15) – Observação: As tradições “por palavra” que Paulo se refere, são as tradições que os Apóstolos ensinaram, e estão registradas nos diversos livros do NT. Não faz parte a tradição inventada logo após a morte deles, como afirma a Igreja Romana.

“Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto.” (2Tessalonicenses 2.2)

Os concílios efetuados pela Igreja de Roma, apenas reconheceram aquilo que já era evidência entre as igrejas fiéis a Cristo. Os concílios expurgaram os escritos falsos por não haver testemunho entre os fiéis e também por conterem informações falsas. A Bíblia não é um produto da Igreja Romana, é, pois, um produto do Espírito Santo.

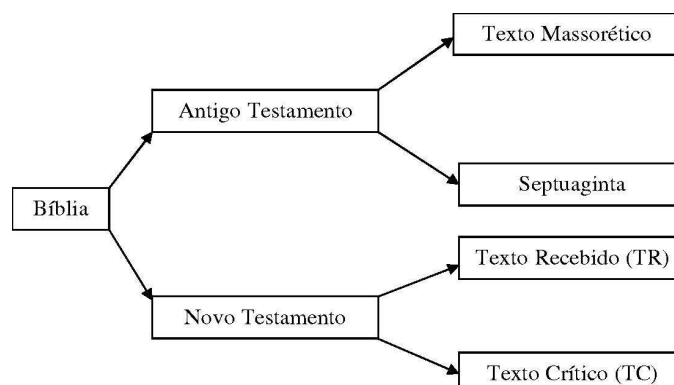
Como princípios de canonicidade dos livros do Novo Testamento foram considerados: **apostolicidade** (o livro foi escrito ou influenciado por algum apóstolo?), **conteúdo** (o caráter espiritual do livro é suficiente?), universalidade (o livro foi amplamente aceito pela igreja?) e **evidência** (o livro oferecia prova interna de inspiração?).

7. A DIVISÃO EM CAPÍTULOS E VERSÍCULOS

A Bíblia foi dividida em capítulos pelo bispo católico Stephen Langhton entre 1234 e 1242. Os Massoretas dividiram o Antigo Testamento em versículos no século IX. Já o Novo Testamento foi dividido em versículos por Robert Stephanus em 1551 na Reforma Protestante.

Os Massoretas eram escribas judeus que se dedicaram a preservar e cuidar das Escrituras (Antigo Testamento). Eles substituíram os escribas por volta do ano 500 d.C. até 1.000 d.C.. No hebraico antigo escrevia-se somente com consoantes, e as vogais eram somente pronunciadas, isto é, as vogais eram transmitidas através das gerações do povo judeu oralmente e não de forma escrita. Os Massoretas foram os responsáveis pela adição de vogais no texto hebraico moderno.

No período do Novo Testamento, o texto bíblico utilizado pelos judeus era a Septuaginta. Esse é o nome de uma tradução do Antigo Testamento para o idioma grego, feita no século III a.C.. Foi encomendada por Ptolomeu II, rei do Egito, para ilustrar a recém-inaugurada Biblioteca de Alexandria. A tradução ficou conhecida como os Setenta (ou *Septuaginta*, palavra latina que significa setenta, ou ainda LXX), pois setenta e dois rabinos trabalharam nela. A Septuaginta foi usada como base para diversas traduções da Bíblia do Ocidente.



8. OS LIVROS APÓCRIFOS

O cânon do Antigo Testamento até a época de Neemias compreendia 22 (ou 24) Livros em hebraico, que, nas Bíblias dos cristãos, seriam 39, como já se verificara por volta do século IV a.C..

Foram os livros chamados apócrifos, escritos depois dessa época, que obtiveram grande circulação entre os cristãos, por causa da influência da tradução grega de Alexandria. Visto que alguns dos primeiros pais da igreja, de modo especial no Ocidente, mencionaram esses livros em seus escritos, a igreja (em grande parte por influência de Agostinho) deu-lhes uso mais amplo e eclesiástico. No entanto, até a época da Reforma esses livros não eram considerados canônicos.

Em 1546, no Concílio de Trento, os livros apócrifos foram recebidos como canônicos pela Igreja católica romana. A canonização ocorrida no Concílio de Trento, porém, não recebeu o apoio da história. A decisão desse Concílio foi polêmica e cheia de preconceito. Dentre os motivos pelos quais os livros apócrifos não receberam apoio podemos citar:

1. Os livros apócrifos não foram incluídos pelos judeus, aos quais – segundo o apóstolo Paulo – foram confiados os oráculos de Deus (cf. Romanos 3.2);
2. Os livros apócrifos deixaram de ser citados por dois historiadores judeus (Josefo e Filo) que queriam conciliar a Filosofia com a Bíblia;
3. Os livros apócrifos não foram citados por Jesus e nem pelos apóstolos.
4. A matéria dos livros apócrifos não está de acordo com a fé cristã: A crença no purgatório é tirada de 2Macabeus 12.39-46. A Bíblia, no entanto, diz que os crentes logo que morrem entram no descanso (cf. Lucas 23.43; Apocalipse 14.13). Não existe punição para o crente após a morte. Sendo assim, o purgatório constitui uma das falsidades mais rendosas para o romanismo, pois ninguém sai do purgatório sem missa e não se reza missa sem dinheiro.

Um livro é dito “apócrifo” quando não é canônico. O termo “apócrifo” deriva do grego *ἀπόκριφος* (*apókriphos* = oculto; difícil de entender). A princípio, significava algo oculto, secreto ou escondido, mas com o passar do tempo, passou a ter sentido de heresia ou de autenticidade duvidosa. A maioria dos livros apócrifos foi escrita por volta de 200 a.C. até 350 d.C., nos mais diversos locais: Palestina, Síria, Arábia, Egito...

Em contraste com os livros canônicos, os apócrifos não eram lidos nas igrejas (e sinagogas), pois a grande maioria apresentava ensinamentos heréticos e doutrinas falsas; tinham a finalidade de defender ideias de certos grupos isolados como os gnósticos⁵, os docetas⁶ e os judaizantes⁷.

⁵ **Gnosticismo.** Sistema que prometia a salvação pelo conhecimento. Segundo os gnósticos, Deus é demasiado grande e demasiado santo para ter criado o mundo material com toda a sua baixeza e corrupção. Por isso afirmavam que de Deus, procedeu a uma série de sucessivas emanações proporcionalmente inferiores uma das

Principalmente por não receberem crédito da Igreja oficial, os apócrifos foram desaparecendo juntamente com as seitas que os usavam e defendiam.

DIFERENÇAS ENTRE AS BÍBLIAS HEBRAICAS, PROTESTANTES E CATÓLICAS		
BÍBLIA HEBRAICA	BÍBLIA PROTESTANTE	BÍBLIA CATÓLICA
<p>↳ Contêm somente os 39 livros do Antigo Testamento.</p> <p>↳ Rejeita os 27 livros do Novo Testamento como inspirado, assim como rejeitou Cristo.</p> <p>↳ Não aceita os livros apócrifos incluídos na Vulgata (versão Católica Romana).</p>	<p>↳ Aceita os 39 livros do Antigo Testamento e também os 27 livros do Novo Testamento.</p> <p>↳ Rejeita os livros apócrifos incluídos na Vulgata, como não canônicos.</p>	<p>↳ Contém os 39 livros do Antigo Testamento e os 27 livros do Novo Testamento.</p> <p>↳ Inclui os livros apócrifos pertencentes à Vulgata, os quais são: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruque, I e II de Macabeus. Possui também um acréscimo de 6 capítulos e 10 versículos no livro de Ester e 2 capítulos em Daniel.</p>

9. AS HERESIAS DOS LIVROS APÓCRIFOS

9.1. Tobias - (200 a.C.) - É uma história novelística sobre a bondade de Tobiel (pai de Tobias) e alguns milagres preparados pelo anjo Rafael. Apresenta justificção pelas obras, mediação dos Santos, superstições e um anjo engana Tobias e o ensina a mentir.

9.2. Judite - (150 a.C.) – É a história de uma heroína viúva e formosa que salva sua cidade enganando um general inimigo e decapitando-o. Grande heresia é a própria história onde os fins justificam os meios.

9.3. Baruque - (100 d.C.) – Apresenta-se como sendo escrito por Baruque, o cronista do profeta Jeremias, numa exortação aos judeus quando da destruição de Jerusalém. Mas é de data muito posterior, quando da segunda destruição de Jerusalém, no pós-Cristo. Traz, entre outras coisas, a intercessão pelos mortos.

outras, até que a última dessas emanções criou o mundo. Sendo assim, a matéria seria uniformizada com o mal, e todo aquele que desejasse obter a salvação, só a poderia alcançar pela renúncia ao mundo material e pela busca do mundo invisível.

⁶ **Docetismo.** Crença de que se a matéria é má, logo Cristo não podia ter um corpo humano. O homem Jesus, era na verdade, uma sombra ou um fantasma, com a aparência de um corpo material, ou Cristo tomou o corpo humano de Jesus apenas por pouco tempo, entre o batismo do homem Jesus, e o começo de seu sofrimento na cruz.

⁷ **Judaizantes.** Eles reconheciam em Jesus Cristo o Messias anunciado pelos profetas e o cumprimento do Antigo Testamento, mas uma vez que a circuncisão era obrigatória no Antigo Testamento para a participação na aliança com Deus, muitos pensavam que ela era também necessária para a participação na nova aliança que Cristo veio inaugurar. Portanto eles acreditavam que era necessário ser circuncidado e guardar os preceitos mosaicos para se tornar um verdadeiro cristão. Em outras palavras, uma pessoa deveria se tornar judeu para poder se tornar cristão.

9.4. Eclesiástico - (180 a.C.) – É muito semelhante ao livro de Provérbios, não fosse as tantas heresias: justificação pelas obras, trato cruel aos escravos e incentiva o ódio aos samaritanos.

9.5. Sabedoria de Salomão - (40 d.C.) – Livro escrito com finalidade exclusiva de lutar contra a incredulidade e idolatria do epicurismo (filosofia grega na era Cristã). Apresenta o corpo como prisão da alma, a doutrina estranha sobre a origem e o destino da alma e a salvação pela sabedoria.

9.6. 1Macabeus - (100 a.C.) – Descreve a história de três irmãos da família “Macabeus”, que no chamado período interbíblico (400 a.C. a 3 d.C.) lutam contra inimigos dos judeus visando a preservação do seu povo e terra.

9.7. 2Macabeus - (100 a.C.) - Não é a continuação de 1Macabeus, mas um relato paralelo, cheio de lendas e prodígios de Judas Macabeu. Apresenta: a oração pelos mortos (cf. 12.44-46), o culto e missa pelos mortos (cf. 12.43), o próprio autor não se julga inspirado (cf. 15.38-40; 2.25-27), a intercessão pelos santos (cf. 7.28 e 15.14).

9.8. Adições a Daniel:

- ▶ Capítulo 3.24-90. Descreve o cântico dos três jovens no forno de fogo ardente do rei Nabucodossor.
- ▶ Capítulo 13. Narra a história de Suzana. Segundo esta lenda Daniel salva Suzana num julgamento fictício baseado em falsos testemunhos.
- ▶ Capítulo 14. Bel e o Dragão. Contém histórias sobre a necessidade da idolatria.

10. ATITUDES EM RELAÇÃO À BÍBLIA

1. Racionalismo. Em sua forma extrema nega a possibilidade de qualquer revelação sobrenatural. Em sua forma moderada admite a possibilidade de revelação divina, mas essa revelação fica sujeita ao juízo final da razão humana.

2. Romanismo. A Bíblia é um produto da igreja; por isso a Bíblia não é a autoridade única ou final.

3. Misticismo. A experiência pessoal tem a mesma autoridade da Bíblia.

4. Seitas. A Bíblia e os escritos do líder ou fundador de cada uma possuem igual valor.

5. Ortodoxia. A Bíblia é a nossa única base de autoridade.

11. TEORIAS SOBRE A INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

Inspiração, do grego *θεόπνευστος* (*theópneustos* = “soprado por Deus”), significa “soprado para fora, da parte de Deus”. É a ação supervisionada por Deus sobre os escritores humanos da Bíblia, de modo que usando de suas próprias personalidades e estilos, registraram “sem erros” as palavras da revelação de Deus ao homem (cf. 1 Tessalonicenses 2.4). Em outras palavras, é a atividade mediante a qual Deus – que, em sua providência, exerce domínio sobre toda a expressão humana – leva homens específicos

a falar e escrever de tal maneira que seu pronunciamento foi e continua sendo o pronunciamento dEle através deles, estabelecendo normas de fé e prática.

A inspiração se aplica apenas aos manuscritos originais (chamados de autógrafos) e os escritores estavam conscientes de estarem escrevendo a Palavra de Deus (cf. 1Coríntios 2.13; 1Pedro 1.11-12). A tabela abaixo lista as principais teorias da inspiração:

TEORIA	DEFINIÇÃO
1. Natural	Não há qualquer elemento sobrenatural envolvido. A Bíblia foi escrita por homens de grande talento.
2. Mística ou Iluminativa	Os escritores bíblicos foram cheios do Espírito como qualquer crente pode ser hoje.
3. Mecânica ou “teoria da ditação”	Os escritores bíblicos foram apenas instrumentos passivos nas mãos de Deus como máquinas de escrever com as quais Ele teria escrito. Deve-se admitir que algumas partes da Bíblia foram ditadas (exemplo: os “dez mandamentos”).
4. Parcial	Somente o não conhecível foi inspirado (exemplo: criação, conceitos espirituais).
5. Conceitual	Os conceitos, não as palavras, foram inspirados.
6. Gradual	Os escritores bíblicos foram mais inspirados que outros escritores humanos.
7. Neo-ortodoxa	Escritores humanos só poderiam produzir um registro falível.
8. Verbal e plenária (completa)	Esta é a verdadeira doutrina – válida apenas para os manuscritos originais – e significa que cada palavra (verbal) e todas as palavras (plenária) foram inspiradas por Deus, tendo-O como superintendente do processo, não ditando aos escritores, mas guiando-os.
9. Inspiração falível	Uma teoria, que vem ganhando popularidade, de que a Bíblia é inspirada mas não isenta de erros.

12. A INERRÂNCIA DA BÍBLIA

Hoje, em nossos dias atuais, nós não possuímos os chamados “textos autógrafos”, isto é, textos originais escritos por um profeta, apóstolo ou evangelista inspirado pelo Espírito Santo. Hoje não temos mais os autógrafos, somente cópias. Porém, os milhares de cópias espalhadas pelos cristãos do mundo e preservadas de geração em geração garantem a sua fidelidade, pois Deus prometeu que sua Palavra não seria destruída (cf. Salmo 119.89; Isaías 40.8; Mateus 5.18; Mateus 24.35).

Se Gênesis não é exato em cada detalhe, então, em qual parte da Bíblia poderemos confiar? Se a Bíblia está errada quanto à origem do homem e seu pecado, como poderemos confiar no que ela diz sobre a sua redenção e seu destino eterno? Será que a Bíblia é frágil devido à ignorância de Deus?

Muitos dos evangélicos de hoje parecem pensar que os cientistas sabem mais sobre o Universo do que o próprio Criador. Tragicamente há uma crescente rejeição, da infalibilidade da Bíblia, entre muitas pessoas que se chamam cristãos. Se as últimas descobertas da ciência concordam ou não com a Bíblia, isto não deve inquietar o povo de Deus. Como confiamos em Deus, não somos intimidados pelos homens. Não troque a Palavra infalível de Deus pelas opiniões mutáveis e falíveis dos homens.

Os cientistas cometem erros e muitas vezes são condicionados por preconceitos. Os maiores cientistas têm sido influenciados por orgulho, ambição, cobiça, inveja e até por evidente impulso de estar certo. Quantas vezes vimos na televisão os cientistas afirmarem uma coisa e uma década depois negarem aquilo que falaram?

Por inerrância entendemos que a Bíblia não erra. Sendo que tal livro foi inspirado por Deus e sabendo de antemão que Deus não erra, por conseguinte a Bíblia não contém erros. **Erro neste contexto denota algo que não corresponde à realidade.** Sem essa verdade outra importante doutrina decorrente dessa cairia por terra, isto é, a doutrina da infalibilidade.

O pacto de Lausanne declara: “Afirmamos a inspiração divina, a veracidade e autoridade das Escrituras, tanto do Antigo como do Novo Testamento, em sua totalidade, como única Palavra de Deus escrita, sem erro em tudo o que ela afirma, e a única regra infalível de fé e prática (§ 2).

Os evangélicos afirmam: “Aquilo que a Escritura diz, Deus diz”. Eles aceitam o modo bíblico de entender a Palavra de Deus como: evento interpretado, palavra verbal profética, ensino dogmático, pronunciamento escatológicos e, acima de tudo, como a Pessoa de Cristo e sua obra. A autoridade da Bíblia é derivada da autoridade de Cristo.

É importante frisar, entretanto, que por inerrância não queremos dizer que não haja **dificuldades** na Bíblia. A inspiração se restringe aos originais e não às cópias (que podem conter alguns **erros de transmissão**). O teólogo Gleason Archer nos dá uma lista de alguns destes erros de transmissão:

- ▶ **HAPLOGRAFIA** – Consiste em escrever uma vez o que deveria ter escrito duas vezes (cf. Isaías 26.3-4);
- ▶ **DITOGRAFIA** – Consiste em escrever duas vezes o que se deveria escrever uma única vez (cf. Isaías 40.12);
- ▶ **METÁTESE** – Consiste em mudar a ordem das palavras ou letras (exemplos: **alegria/alergia**, **calçada/calçado**, **grande homem/homem grande**);
- ▶ **FUSÃO** – Consiste no erro de fundir duas palavras numa só, dando sentido diferente ao contexto (exemplo: “esse **pessoal mente** muito” / “esse **pessoalmente** muito”);

► **FISSÃO** – Consiste no erro de dividir uma palavra em duas, dando sentido diferente ao contexto (exemplo: amador/ama a dor);

► **HOMOFONIA** – Consiste em usar palavras com sentidos diferentes mas que tenham o mesmo som (exemplo: pena – plumagem de uma ave, sentimento de dó, objeto de escrita etc.);

► **LEITURA ERRÔNEA DE CARACTERES PARECIDOS** – Exemplos: ד (dáleth = d), ר (rêsh = r), ה (hê = h), ח (hêth = rr), ט (táv = t), ב (bêth = b), ו (bêth = v);

► **OMISSÃO ACIDENTAL DE PALAVRAS.**

Para resolver estas dificuldades textuais os críticos elaboraram algumas regras que servem para nortear o exame da Bíblia a fim de que se obtenha uma correta compreensão exegética. Eis algumas delas:

1. Em geral prefere o texto mais antigo ao mais recente;
2. O texto mais difícil é preferível ao mais fácil;
3. Deve-se preferir o texto mais curto ao mais longo;
4. O texto que tiver uma aceitação mais ampla ao que for mais restrito a certa região;
5. O texto que não reflete nenhum desvio doutrinário por parte do copista deve ser preferido ao texto que deixa claro estar contaminado por espírito partidário.

Contudo é bom saber que muitas dificuldades partem não de algum erro textual, mas de erros de interpretação do próprio crítico. Diante de qualquer aparente contradição nas Escrituras, não nos é permitido dizer que Deus tenha errado; mas ou o manuscrito utilizado tenha falhas, ou a tradução está errada, ou nós não entendemos o que está escrito. Os erros não se acham na revelação de Deus, mas nas falhas interpretações dos homens. E essas falhas enquadram-se numa das seguintes principais categorias:

1. Assumir que o que não foi explicado seja inexplicável;
2. Presumir que a Bíblia é culpada, até que provem o contrário;
3. Confundir as nossas falíveis interpretações com a infalível revelação de Deus;
4. Falhar na compreensão do contexto da passagem;
5. Deixar de interpretar passagens difíceis à luz das que são claras;
6. Basear um ensino numa passagem obscura;
7. Esquecer-se de que a Bíblia é um livro humano, com características humanas;
8. Assumir que um relato parcial seja um relato falso;

9. Exigir que as citações do Antigo Testamento feitas no Novo Testamento sejam sempre exatas;
10. Assumir que diferentes narrações sejam falsas;
11. Presumir que a Bíblia aprova tudo o que ela registra;
12. Esquecer-se que a Bíblia faz uso de uma linguagem comum, não técnica;
13. Considerar que números arredondados sejam errados;
14. Não observar que a Bíblia faz uso de diferentes recursos literários;
15. Esquecer-se de que somente o texto original é isento de erros, e não qualquer cópia das Escrituras;
16. Confundir afirmações gerais com afirmações universais;
17. Esquecer-se de que uma revelação posterior sobrepõe-se a uma anterior.



Sendo assim, podemos concluir afirmando que a Bíblia foi escrita por escritores sobrenaturalmente inspirados por Deus a ponto de ser **verdadeira em tudo o que afirma**, e isto não somente em matérias de fé e história da salvação. Ela é livre de erros, fraude e enganos. A Escritura não pode errar por ser em sua inteireza a revelação do Deus verdadeiro. Ela permanece a inerrante Palavra de Deus independentemente da resposta humana.

Ao dizer que a Bíblia é inerrante, não estamos negando que **erros de copistas** se introduziram no longo processo de transmissão da mesma. A inerrância é um atributo somente dos escritores originais, ou seja, do texto originalmente produzido pelos escritores inspirados por Deus. Muito embora hoje não tenhamos mais os textos originais, pela providência divina podemos recuperar seu conteúdo, preservado nas cópias, quase que totalmente, através da ajuda de ferramentas como a baixa crítica ou a manuscritologia bíblica.

13. CAUSAS DOS ERROS NA TRANSMISSÃO DO TEXTO BÍBLICO

Antes da invenção da imprensa, no século XV, a transmissão de qualquer escrito, apenas poderia ser feita copiando, pacientemente, à mão, palavra por palavra: podemos imaginar quantas probabilidades de erro tal método comporta. Nos manuscritos tiravam-se cópias e apesar do estrito cuidado, algumas divergências logo apareciam. Na maioria das vezes essas divergências ocorriam de forma involuntária; mas em alguns casos as alterações no texto eram feitas de forma intencional.

13.1. Erros involuntários.

- a) **Erros provenientes de uma visão deficiente.** O escriba, atingido por astigmatismo, achava difícil distinguir as letras gregas que se pareciam, especialmente se o copista anterior não escreveu com cuidado. Assim num manuscrito **uncial** (todas as letras transcritas em maiúsculo), era muito fácil o copista confundir **Sigma** (Σ) com o **Épsilon** (E); o **Théta** (Θ) com o **Ómicron** (O). E se dois **Lâmbdas** fossem escritos muito juntos ($\Lambda\Lambda$) poderiam ser confundidos pela letra **Mi** (M).

Uma deficiência visual também possibilitava a ocorrência erros proveniente de igual terminação. Pelo fato de duas linhas seguidas terminarem com a mesma palavra ou sílabas, os olhos do copista podiam pular da primeira para a segunda, omitindo acidentalmente várias palavras (haplografia). Algumas vezes, os olhos do escriba, apanhavam a mesma palavra ou grupo de palavras uma segunda vez e como resultado copiava duas vezes, o que deveria ter feito apenas uma (ditografia).

- b) **Erros provenientes de uma audição deficiente.** Era comum ditarem ao copista e ele escrever outra palavra parecida, como as nossas **imersão** e **emersão**, **despercebido** e **desapercebido**, **comprimento** e **cumprimento**. Outro problema com o ditado encontrava-se nas homônimas não homógrafas, como ilustram as palavras portuguesas: sinto e cinto, incipiente e insipiente, cocho e coxo.
- c) **Erros de memória.** Estes erros surgiram porque a memória falhava enquanto o copista olhava para o manuscrito e procurava escrever o que lá se encontrava. Este tipo de erro explica a origem de um grande número de mudanças, especialmente nos evangelhos sinóticos, envolvendo a substituição de sinônimos, variação na ordem das palavras, troca de palavras por influência de outra passagem paralela, talvez conhecida do escriba.
- d) **Erros de julgamento.** Encontramos alguns erros que apenas podem ser explicados por culpa de copistas pouco inteligentes ou descuidados. Palavras ou notas explicativas, encontradas na margem, eram muitas vezes, incorporadas ao texto do Novo Testamento. O copista ao encontrar na margem, notas explicativas como sinônimos de palavras difíceis, correções, comentários pessoais, ficava perplexo sem saber o que fazer com elas. Alguns resolveram o problema da seguinte maneira – colocaram a nota no texto que estavam copiando. Por isso, é provável, que um comentário marginal explicando o movimento da água no poço de Betesda (cf. João 5.7) foi incorporada ao texto de João 5.4.

13.2. Erros intencionais.

Por estranho que pareça, os escribas que pensavam, eram mais perigosos do que aqueles que se limitavam a copiar o que tinham diante de si. Muitas das alterações, que podem ser classificadas como intencionais foram, sem dúvida, introduzidas de boa fé por copistas que criam estar corrigindo erros ou infelicidades de linguagem, que se haviam introduzido no texto sagrado e precisavam ser corrigidos.

A despeito da vigilância de eclesiásticos zelosos, alguns escribas, chocados com erros reais ou imaginários, de ortografia, gramática e fatos históricos, deliberadamente, introduziram mudanças no que estavam copiando. Os motivos de tais mudanças eram:

- a) **Correções na ortografia, gramática e estilo.** Alguns livros apresentavam muitas tentações aos escribas zelosos pela correção gramatical. O escriba culto era tentado a melhorar a linguagem.
- b) **Correções harmonizadoras.** Intencionalmente ou não, procurando harmonizar passagens paralelas ou relatos idênticos, os copistas alteravam algumas passagens bíblicas.
- c) **Acréscimos de complementos naturais e semelhantes.** A obra dos copistas na amplificação e arremate das frases é evidente em muitas passagens. Vários escribas, supondo que algo estava faltando na declaração de Mateus 9.13 “*Pois não vim chamar os justos, mas os pecadores*”, acrescentavam “*ao arrependimento*”. Outros copistas achavam difícil deixar a palavra escriba, sem acrescentar fariseu, como aconteceu em Mateus 27.41.
- d) **Esclarecimentos de dificuldades históricas e geográficas.**
- e) **Duplicidade de textos.** Um escriba quando descobria que a mesma passagem fora registrada de forma diferente em dois ou mais manuscritos que tinha diante de si? Em vez de fazer uma escolha entre as duas variantes (com a probabilidade de omitir a genuína) muitos incorporaram as duas na mesma cópia que estavam transcrevendo. Isto produziu a chamada duplicidade de textos ou de leituras.
- f) **Acréscimos de pormenores.** Acréscimos feitos na margem ou em notas no rodapé, uma vez ou outra eram introduzidos para o texto. Sempre houve e ainda há grande curiosidade em saber o nome de alguns personagens que aparecem anonimamente no texto bíblico. Como a tradição dava nomes a estas pessoas, copistas eram tentados a colocá-los no texto que estavam copiando. Entre nós é comum ouvirmos que o nome do bom ladrão era Dimas.

13.3. Conclusão.

Todos os estudiosos dos problemas dos copistas estão bem cientes de que o estudo comparativo de vários textos é de grande ajuda para a eliminação destes erros. Estes erros têm sido denominados de periféricos, porque não abrangem a essência dos ensinamentos divinos.

Talvez alguns pensem da seguinte maneira: esta parte do estudo não deveria ser apresentada porque pode levar pessoas a descrerem da Palavra de Deus e a concluírem que os escribas eram descuidados, caprichosos e tendenciosos.

Verdades e realidades não podem e não devem ser escondidas. Todos devem ter em mente esta verdade fundamental: o que foi apresentado neste capítulo aconteceu com alguns manuscritos e com poucos copistas, o que vem mostrar a fragilidade da natureza humana.

Existem muitas evidências mostrando o trabalho dedicado, cuidadoso, honesto e fidelíssimo da maioria dos copistas, bem como abundante quantidade de manuscritos não alterados, que nos levam a crer firmemente na fidelidade da transmissão das Santas Escrituras.

“Eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus lhe acrescentará as pragas que estão escritas neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão descritas neste livro.” (Apocalipse 22.18-19)

Observação: O texto acima faz uma referência à palavra de uma aliança divinamente instituída e que não seria mudada (cf. Deuteronômio 4.2; 12.32; Provérbios 30.6). As alianças incluíam frequentemente maldições contra aqueles que as quebravam. **O texto não trata daquilo que foi escrito em si, mas daquilo que foi falado; o autor está tratando da imutabilidade dos princípios e do conteúdo da mensagem.**

14. EVIDÊNCIAS DA AUTORIDADE DA BÍBLIA

A Bíblia tem muitas variedades, mas uma mensagem uniforme. Ela foi escrita durante um tempo de 1600 anos, em três línguas, por cerca de 40 escritores, falando de muitos assuntos, contudo, a Bíblia tem uma Surpreendente unidade e consistência na sua mensagem. Além disso, ela contém muitas coisas que a mente humana nunca poderia ter imaginado. Seu conteúdo surpreende as mentes mais brilhantes. A Bíblia tem transformado países, sociedades e milhões de vidas através da história. A Bíblia é a palavra poderosa de Deus.

“Palavra de Deus” é um termo geral que se refere a uma multiplicidade de diferentes “palavras faladas”. Esse testemunho da tradição cristã, foi preparado pela experiência progressiva do povo eleito e pela reflexão em desenvolvimento de alguns escritores. É importante sabermos que, ao contrário do que defendem os teólogos liberais, os termos “Escritura(s)” e “Palavra de Deus”, utilizados no Novo Testamento, são na realidade termos sinônimos:

*“Examinai **as Escrituras**, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam.” (João 5.39)*

*“Pois, se a lei chamou deuses àqueles a quem a **palavra de Deus** foi dirigida (e a **Escritura** não pode ser anulada).” (João 10.35)*

*“E que, desde a tua meninice, sabes **as sagradas letras**, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus.” (2Timóteo 3.15)*

*“... Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, falando disto, como em **todas as suas epístolas**, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e **igualmente as outras Escrituras**, para sua própria perdição.” (2Pedro 3.15-16)*

Quando o Senhor Jesus criticou as atitudes dos fariseus e escribas, Ele afirmou que os religiosos estavam “*invalidando a **palavra de Deus** pela sua própria tradição*” (cf. Marcos 7.13). Jesus chamou a atenção para a Palavra de Deus escrita quando repentinamente afirmou “*Está escrito*” (cf. Mateus 4.4, 7-10). Esta frase aparece mais de noventa vezes no Novo Testamento, sendo assim uma forte indicação da autoridade divina da Palavra de Deus escrita.

15. A RECUPERAÇÃO DO TEXTO BÍBLICO

Na idade Média, a Igreja Romana só permitia o uso do Latim, e o povo não tinha acesso à Bíblia nem aos textos em grego.

A igreja Romana preservou a Bíblia em Latim, por meio da tradução de Jerônimo, a “Vulgata Latina”.

No período entre 400 a 1400 d.C. a Bíblia oficial do Ocidente era a Vulgata Latina. Houve então precursores da reforma protestante que lutaram pela divulgação da Bíblia. Dentre eles podemos destacar: John Wyclif (que traduziu a Bíblia para o Inglês); Jan Hus (condenado à fogueira por apoiar Wyclif) e Jerônimo de Praga (condenado à fogueira por apoiar Jan Hus).

No período da reforma protestante foram produzidas as seguintes traduções da Bíblia: Bíblia de Lutero – Alemão (1522); Reina Valera – Espanhol (1569); Rei Tiago (King James) – Inglês (1611); Diodati – Italiana (1649) e João Ferreira de Almeida – Português (1681).

Muitas Bíblias foram destruídas pela Igreja Romana e muitos crentes foram mortos por causa das novas traduções da Bíblia.

16. O MITO DA TRADUÇÃO NEUTRA, IMPARCIAL E FIEL

Sabe-se que toda tradução é naturalmente interpretativa e hermenêutica. Ou seja, está sempre submetida aos conceitos e ponto de vista do tradutor. Há os que sustentam uma “imparcialidade” ou “neutralidade” em traduções. Porém, cientificamente, sabe-se que a “neutralidade” é um mito. O tradutor pode tender à “imparcialidade”, porém sempre há algo de sua individualidade e subjetividade que estarão presentes em sua produção textual.

Nesta mesma linha, há o mito da “tradução fiel”, que é tratar a tradução como uma reprodução literal e precisa da fonte primária. Em outras palavras, uma tradução da Bíblia em português (ou qualquer outra língua) que se diga 100% fiel às fontes originais. O ideal de uma “tradução fiel” é uma impossibilidade técnica, não há como fazer uma tradução que reproduza fielmente, em todos os aspectos, o que o autor quis dizer. Pois é óbvio, que o sentido de um texto só pode ser entendido em todas suas dimensões de significado, quando inserido em sua língua e contexto originais. Ao passar este significado ou sentido para uma outra língua, há perdas, limitações naturais que ocorrem pelo simples fato de ser uma tradução.

Existem subjetividades de ordem cultural que precisam ser levadas em conta, há estruturas que são peculiares de uma língua específica. A exemplo de hebraísmos, rimas, jogos de palavras, expressões e até mesmo codificações que só fazem sentido na língua original, por isto, simplesmente é impossível reproduzi-las em sua totalidade em uma tradução.

A tradução também corre o risco de ser ideológica, ou seja, de carregar consigo a tendência ou pressupostos teológicos ou filosóficos, do tradutor. Por isto, o leitor deve ter clareza – ao ler uma Bíblia traduzida – que ele não está lendo a Palavra de Deus de uma forma direta, mas transmitida por uma tradução suscetível à interferências do tradutor. A Palavra de Deus, nos foi transmitida em língua oriental, no caso das Escrituras Judaicas, a língua hebraica (com alguns trechos em aramaico). O leitor deve ter extremo cuidado para não cair em uma excessiva sacramentalização da tradução, ou seja, uma supervalorização canônica da tradução, pois ela é uma “reprodução” sujeita à ruídos e interferências. Sendo assim, a Bíblia traduzida seja por quem for, sempre será uma versão vulnerável a pontos de vistas e imperfeições. Somente os originais podem ser tratados como textos realmente canônicos e realmente inspirados. Estes sim são a “fonte primária”.

17. MATERIAIS ANTIGOS DE ESCRITA

- 1) **Pedra.** Muitas inscrições famosas encontradas no Egito e Babilônia foram escritas em pedra. Deus deu a Moisés os Dez Mandamentos escritos em tábuas de pedra (cf. Êxodo 31.18, 34.1,28). Dois outros exemplos são a Pedra Moabita (850 a.C.) e a Inscrição de Siloé, encontrada no túnel de Ezequias, junto ao tanque de Siloé (700 a.C.).
- 2) **Argila.** O material de escrita predominante na Assíria e Babilônia era a argila, preparada em pequenos tabletes e impressa com símbolos em forma de cunha chamados de escrita cuneiforme, e depois assada em um forno ou seca ao sol. Milhares desse tabletes foram encontrados pelas pás dos arqueólogos.
- 3) **Madeira.** Tábuas de madeira foram bastante usadas pelos antigos para escrever. Durante muitos séculos a madeira foi a superfície comum para escrever entre os gregos. Alguns acreditam que este tipo de material de escrita é mencionado em Isaías 30.8 e Habacuque 2.2.

- 4) **Couro.** Talmude judeu exigia especificamente que as Escrituras fossem copiadas sobre peles de animais, sobre couro. É praticamente certo, então, que o Antigo Testamento foi escrito em couro. Eram feitos rolos, costurando juntas as peles que mediam de alguns metros a 30 perpendiculares ao rolo. Os rolos, entre 26 e 70cm de altura, eram enrolados em um ou dois pedaços de pau.
- 5) **Papiro.** É quase certo que o Novo Testamento foi escrito sobre papiro, por ser este o material de escrita mais importante na época. O papiro é feito cortando-se em tiras seções delgadas de cana de papiro, empapando-as em vários banhos de água, e depois sobrepondo-as umas às outras para formar folhas. Uma camada de tiras era colocada por sobre a primeira, e depois as punham numa prensa, a fim de aderirem uma às outras. As folhas tinham de 15 a 38 cm de altura e 8 a 23 cm de largura. Rolos de qualquer comprimento eram preparados colocando juntas as folhas. Geralmente mediam cerca de 10m de comprimento.
- 6) **Velino ou Pergaminho.** Velino começou a predominar mediante os esforços do rei Eumenes II, de Pérgamo (197-158 a.C.). Ele procurou formar sua biblioteca, mas o rei do Egito cortou o seu suprimento de papiro, sendo-lhe então necessário obter um novo processo para o tratamento de peles. O resultado é conhecido como velino ou pergaminho. Embora os termos sejam usados intercambiavelmente, o velino era preparado originalmente com a pele de bezerros e antílopes, enquanto o pergaminho era de pele de ovelhas e cabras. Obtinha-se assim um couro de excelente qualidade, preparado especial e cuidadosamente para receber escrita de ambos os lados. Este tipo de material foi utilizado centenas de anos antes de Cristo e, por volta do século IV d.C., ele suplantou o papiro. Quase todos os manuscritos conhecidos são em velino.

18. AS DIVISÕES DA BÍBLIA

18.1. Divisões do Antigo Testamento.

O Antigo Testamento conta a história do povo de Israel. Essa história retrata a fé do povo no Deus de Israel e descreve a vida religiosa dos israelitas como povo de Deus. Os escritores destes livros escreveram o que Deus fez por eles como povo e como eles deveriam adorá-lo e obedecer-lhe em resposta a seu amor.

O quadro seguinte ensina graficamente como estão agrupados os livros que formam o Antigo Testamento.

ANTIGO TESTAMENTO		
Pentateuco		
Gênesis Êxodo	Levítico Números	Deuteronômio
História		
Josué Juízes	II Samuel I Reis	II Crônicas Esdras

Rute I Samuel	II Reis I Crônicas	Neemias Ester
Poéticos		
Jó Salmos	Provérbios Eclesiastes	Cantares
Profetas Maiores		
Isaías Jeremias	Lamentações Ezequiel	Daniel
Profetas Menores		
Oséias Joel Amós Obadias	Jonas Miquéias Naum Habacuque	Sofonias Ageu Zacarias Malaquias

18.2. Divisões do Novo Testamento. Os livros do Novo Testamento foram escritos pelos discípulos de Jesus Cristo. Eles queriam que outros ouvissem a respeito da nova vida que é possível através da morte e ressurreição de Jesus. O quadro que segue mostra os diferentes grupos de livros que compõem o Novo Testamento.

NOVO TESTAMENTO		
Bibliográficos		
Mateus Marcos	Lucas	João
Histórico		
Atos		
Epístolas Paulina		
Romanos I Coríntios II Coríntios Gálatas Efésios	Filipenses Colossenses I Tessalonicenses II Tessalonicenses	I Timóteo II Timóteo Tito Filemom
Epístolas Gerais		
Hebreus Tiago I Pedro	II Pedro I João II João	III João Judas
Revelação		
Apocalipse		

19. A BÍBLIA E SEUS ESCRITORES

A Bíblia foi escrita durante um período de mais de 1500 anos, foram aproximadamente 40 os seus escritores, servos inspirados pelo Espírito Santo. Apesar dos seus diversos escritores é um só livro, com uma única mensagem, isenta de contradições em seu conteúdo. A seguir, a tabela com os livros, as datas prováveis em que foram escritos e seus respectivos escritores.

Livro	Data	Autor	Livro	Data	Autor
-------	------	-------	-------	------	-------

Gn	1440 a.C.	Moisés	Ex	1400 a.C.	Moisés
Lv	1445 a.C.	Moisés	Nm	1400 a.C.	Moisés
Dt	1400 a.C.	Moisés	Js	1400–1375 a.C.	Josué
Jz	1050–1000 a.C.	Desconhecido	Rt	1050–500 a.C.	Desconhecido
1Sm	931–722 a.C.	Samuel e outros	2Sm	931–722 a.C.	Samuel e outros
1Rs	560–538 a.C.	Jeremias	2Rs	560–538 a.C.	Jeremias
1Cr	425–400 a.C.	Esdras	2Cr	425–400 a.C.	Esdras
Ed	538–457 Ac	Esdras	Ne	423 a.C.	Neemias
Et	465 a.C.	Desconhecido	Jó	Sec. V–II a.C.	Moisés ou Salomão
Sl	1000–300 a.C.	Davi, Asafe e outros	Pv	950–700 a.C.	Salomão e outros
Ec	935 a.C.	Salomão	Ct	970–930 a.C.	Salomão
Is	700–690 a.C.	Isaias	Jr	626–586 a.C.	Jeremias
Lm	587 a.C.	Jeremias	Ez	593–573 a.C.	Ezequiel
Dn	537 a.C.	Daniel	Os	750 a.C.	Oseias
Jl	835–805 a.C.	Joel	Am	760–750 a.C.	Amós
Ob	586 a.C.	Obadias	Jn	760 a.C.	Jonas
Mq	704–696 a.C.	Miqueias	Na	612 a.C.	Naum
Hc	600 a.C.	Habacuque	Sf	630 a.C.	Sofonias
Ag	520 a.C.	Ageu	Zc	520–475 a.C.	Zacarias
MI	450 a.C.	Malaquias			

Livro	Data	Autor	Livro	Data	Autor
Mt	50–75 d.C.	Mateus	Mc	65–70 d.C.	Marcos
Lc	59–75 d.C.	Lucas	Jo	85 d.C.	João
At	62 d.C.	Lucas	Rm	56 d.C.	Paulo
1Co	56 d.C.	Paulo	2Co	56 d.C.	Paulo
Gl	55–56 d.C.	Paulo	Ef	60–61 d.C.	Paulo
Fp	61 d.C.	Paulo	Cl	61 d.C.	Paulo
1Ts	50 d.C.	Paulo	2Ts	50 d.C.	Paulo
1Tm	64 d.C.	Paulo	2Tm	66–67 d.C.	Paulo
Tt	64 d.C.	Paulo	Fm	60–61 d.C.	Paulo
Hb	64–68 d.C.	Desconhecido	1Pe	60 d.C.	Pedro
2Pe	65–68 d.C.	Pedro	1Jo	90 d.C.	1,2,3 Jo João
Jd	65–80 d.C.	Judas	Ap	70–95 d.C.	João

20. O PERÍODO INTERBÍBLICO

20.1. Desenvolvimento político.

A Expressão “400 anos de silêncio”, frequentemente empregada para descrever o período entre os últimos eventos do Antigo Testamento e o começo dos acontecimentos do Novo Testamento não é correta nem apropriada. Embora nenhum profeta inspirado se tivesse erguido em Israel durante aquele período, e o Antigo Testamento já estivesse completo aos olhos dos judeus, certos acontecimentos

ocorreram que deram ao judaísmo posterior sua ideologia própria e, providencialmente, prepararam o caminho para a vinda de Cristo e a proclamação do Seu evangelho.

20.1.1. Supremacia persa. Por cerca de um século depois da época de Neemias, o império Persa exerceu controle sobre a Judéia. O período foi relativamente tranquilo, pois os persas permitiam aos judeus o livre exercício de suas instituições religiosas. A Judéia era dirigida pelo sumo sacerdote, que prestavam contas ao governo persa, fato que, ao mesmo tempo, permitiu aos judeus uma boa medida de autonomia e rebaixou o sacerdócio a uma função política. Inveja, intriga e até mesmo assassinato tiveram seu papel nas disputas pela honra de ocupar o sumo sacerdócio. Joanã, filho de Joiada (cf. Neemias 12.22), é conhecido por ter assassinado o próprio irmão, Josué, no recinto do templo.

A Pérsia e o Egito envolveram-se em constantes conflitos durante este período, e a Judéia, situada entre os dois impérios, não podia escapar ao envolvimento. Durante o reino de Artaxerxes III muitos judeus engajaram-se numa rebelião contra a Pérsia. Foram deportados para Babilônia e para as margens do mar Cáspio.

20.1.2. Alexandre, o Grande. Em seguida à derrota dos exércitos persas na Ásia Menor (333 a.C.), Alexandre marchou para a Síria e Palestina. Depois de ferrenha resistência, Tiro foi conquistada e Alexandre deslocou-se pra o sul, em direção ao Egito. Diz a lenda que quando Alexandre se aproximava de Jerusalém o sumo sacerdote Jada foi ao seu encontro e lhe mostrou as profecias de Daniel, segundo as quais o exército grego seria vitorioso (cf. Daniel 8). Essa narrativa não é levada a sério pelos historiadores, mas é fato que Alexandre tratou singularmente bem aos judeus. Ele lhes permitiu observarem suas leis, isentou-os de impostos durante os anos sabáticos e, quando construiu Alexandria no Egito (331 a.C.), estimulou os judeus a se estabelecerem ali e deu-lhes privilégios comparáveis aos seus súditos gregos.

20.1.3. A Judéia sob os Ptolomeus. Depois da morte de Alexandre (323 a.C.), a Judéia, ficou sujeita, por algum tempo a Antígono, um dos generais de Alexandre que controlava parte da Ásia Menor. Subsequentemente, caiu sob o controle de outro general, Ptolomeu I (que havia então dominado o Egito), cognominado *Soter*, o Libertador, o qual capturou Jerusalém num dia de sábado em 320 a.C. Ptolomeu foi bondoso para com os judeus. Muitos deles se radicaram em Alexandria, que continuou a ser um importante centro da cultura e pensamento judaicos por vários séculos. No governo de Ptolomeu II (Filadelfo) os judeus de Alexandria começaram a traduzir a sua Lei, i.e., o Pentateuco, para o grego. Esta tradução seria posteriormente conhecida como a Septuaginta, a partir da lenda de que seus setenta (mais exatamente 72 - seis de cada tribo) tradutores foram sobrenaturalmente inspirados para produzir uma tradução infalível. Nos subsequentes todo o Antigo Testamento foi incluído na Septuaginta.

20.1.4. A Judéia sob os Selêucidas. Depois de aproximadamente um século de vida dos judeus sob o domínio dos Ptolomeus, Antíoco III (o Grande) da Síria conquistou a Síria e a Palestina aos Ptolomeus do Egito (198 a.C.). Os governantes sírios eram chamados selêucidas porque seu reino, construído sobre os escombros do império de Alexandre, fora fundado por Seleuco I (Nicator).

Durante os primeiros anos de domínio sírio, os selêucidas permitiram que o sumo sacerdote continuasse a governar os judeus de acordo com suas leis. Todavia, surgiram conflitos entre o partido helenista e os judeus ortodoxo. Antíoco IV (Epifânio) aliou-se ao partido helenista e indicou para o sacerdócio um homem que mudara seu nome de Josué para Jasom e que estimulava o culto a Hércules de Tiro. Jasom, todavia, foi substituído depois de dois anos por um rebelde chamado Menaém (cujo nome grego era Menelau). Quando partidários de Jasom entraram em luta com os de Menelau, Antíoco marchou contra Jerusalém, saqueou o templo e matou muitos judeus (170 a.C.). As liberdades civis e religiosas foram suspensas, os sacrifícios diários foram proibidos e um altar a Júpiter foi erigido sobre o altar do holocausto. Cópias das Escrituras foram queimadas e os judeus foram forçados a comer carne de porco, o que era proibido pela Lei. Uma porca foi oferecida sobre ao altar do holocausto para ofender ainda mais a consciência religiosa dos judeus.

20.1.5. O Macabeus. Não demorou muito para que os judeus oprimidos encontrassem um líder para sua causa. Quando os emissários de Antíoco chegaram à vila de Modina, cerca de 24 quilômetros a oeste de Jerusalém, esperavam que o velho sacerdote, Matatias, desse bom exemplo perante o seu povo, oferecendo um sacrifício pagão. Ele, porém, além de recusar-se a fazê-lo, matou um judeu apóstata junto ao altar e o oficial sírio que presidia a cerimônia. Matatias fugiu para a região montanhosa da Judéia e, com a ajuda de seus filhos, empreendeu uma luta de guerrilhas contra os sírios. Embora o velho sacerdote não tenha vivido para ver seu povo liberto do jugo sírio, deixou a seus filhos o término da tarefa. Judas, cognominado “o Macabeu”, assumiu a liderança depois da morte do pai. Por volta de 164 a.C. Judas havia reconquistado Jerusalém, purificado o templo e reinstituído os sacrifícios diários. Pouco depois das vitórias de Judas, Antíoco morreu na Pérsia. Entretanto, as lutas entre os Macabeus e os reis selêucidas continuaram por quase vinte anos.

Aristóbulo I foi o primeiro dos governantes Macabeus a assumir o título de “Rei dos Judeus”. Depois de um breve reinado, foi substituído pelo tirânico Alexandre Janeu, que, por sua vez, deixou o reino para sua mãe, Alexandra. O reinado de Alexandra foi relativamente pacífico. Com a sua morte, um filho mais novo, Aristóbulo II, desapossou seu irmão mais velho. A essa altura, Antípater, governador da Iduméia, assumiu o partido de Hircano, e surgiu a ameaça de guerra civil. Consequentemente, Roma entrou em cena e Pompeu marchou sobre a Judéia com as suas legiões, buscando um acerto entre as partes e o melhor interesse de Roma. Aristóbulo II tentou defender Jerusalém do ataque de Pompeu, mas os romanos tomaram a cidade e penetraram até o Santo dos Santos. Pompeu, todavia, não tocou nos tesouros do templo.

20.1.6. Roma. Marco Antônio apoiou a causa de Hircano. Depois do assassinato de Júlio Cesar e da morte de Antípater (pai de Herodes), que por vinte anos fora o verdadeiro governante da Judéia, Antígono, o segundo filho de Aristóbulo, tentou apossar-se do trono. Por algum tempo chegou a reina em Jerusalém, mas Herodes, filho de Antípater, regressou de Roma e tornou-se rei dos judeus com apoio de Roma. Seu casamento com Mariamne, neta de Hircano, ofereceu um elo com os governantes Macabeus.

Herodes foi um dos mais cruéis governantes de todos os tempos. Assassinou o venerável Hircano (31 a.C.) e mandou matar sua própria esposa Mariamne e seus dois filhos. No seu leito de morte, ordenou a execução de Antípater, seu filho com outra esposa. Nas Escrituras, Herodes é conhecido como o rei que ordenou a morte dos meninos em Belém por temer o Rival que nascera para ser Rei dos Judeus.

20.2. Grupos religiosos dos Judeus.

Quando, seguindo-se à conquista de Alexandre, o helenismo mudou a mentalidade do Oriente Médio, alguns judeus se apegaram ainda mais tenazmente do que antes à fé de seus pais, ao passo que outros se dispuseram a adaptar seu pensamento às novas ideias que emanavam da Grécia. Por fim, o choque entre o helenismo e o judaísmo deu origem a diversas seitas judaicas.

20.2.1. Os fariseus. Os fariseus eram os descendentes espirituais dos judeus piedosos que haviam lutado contra os helenistas no tempo dos Macabeus. O nome fariseu, “separatista”, foi provavelmente dado a eles por seus inimigos, para indicar que eram não conformistas. Pode, todavia, ter sido usado com escárnio porque sua severidade os separava de seus compatriotas judeus, tanto quanto de seus vizinhos pagãos. A lealdade à verdade às vezes produz orgulho e até mesmo hipocrisia, e foram essas perversões do antigo ideal farisaico que Jesus denunciou. Paulo se considerava um membro deste grupo ortodoxo do judaísmo de sua época (cf. Filipenses 3.5).

20.2.2. Os saduceus. O partido dos saduceus, provavelmente denominado assim por causa de Zadoque, o sumo sacerdote escolhido por Salomão (cf. 1Reis 2.35), negava autoridade à tradição e olhava com suspeita para qualquer revelação posterior à Lei de Moisés. Eles negavam a doutrina da ressurreição, e não criam na existência de anjos ou espíritos (cf. Atos 23.3). Eram, em sua maioria, gente de posses e posição, e cooperavam de bom grado com os helenistas da época. Ao tempo do Novo Testamento controlavam o sacerdócio e o ritual do templo. A sinagoga, por outro lado, era a cidadela dos fariseus.

20.2.3. Os essênios. O essenismo foi uma reação ascética ao externalismo dos fariseus e ao mundanismo dos saduceus. Os essênios se retiravam da sociedade e viviam em ascetismo e celibato. Davam atenção à leitura e estudo das Escrituras, à oração e às lavagens cerimoniais. Suas posses eram comuns e eram conhecidos por sua laboriosidade e piedade. Tanto a guerra quanto a escravidão era contrárias a seus princípios. O mosteiro em Qumran, próximo às cavernas em que os Manuscritos do

Mar Morto foram encontrados, é considerado por muitos estudiosos como um centro essencial de estudo no deserto da Judéia. Os rolos indicam que os membros da comunidade haviam abandonado as influências corruptas das cidades judaicas para prepararem, no deserto, “o caminho do Senhor”. Tinham fé no Messias que viria e consideravam-se o verdadeiro Israel para quem Ele viria.

20.2.4. Os escribas. Os escribas não eram, estritamente falando, uma seita, mas sim, membros de uma profissão. Eram, em primeiro lugar, copistas da Lei. Vieram a ser considerados autoridades quanto às Escrituras, e por isso exerciam uma função de ensino. Sua linha de pensamento era semelhante à dos fariseus, com os quais aparecem frequentemente associados no Novo Testamento.

20.2.5. Os herodianos. Os herodianos criam que os melhores interesses do judaísmo estavam na cooperação com os romanos. Seu nome foi tirado de Herodes, o Grande, que procurou romanizar a Palestina em sua época. Os herodianos eram mais um partido político que uma seita religiosa. A opressão política romana, simbolizada por Herodes, e as reações religiosas expressas nas reações sectárias dentro do judaísmo pré-cristão forneceram o referencial histórico no qual Jesus veio ao mundo. Frustrações e conflitos prepararam Israel para o advento do Messias de Deus, que veio na “plenitude do tempo” (cf. Gálatas 4.4)

21. CONTEÚDO DA BÍBLIA

Nesta seção você vai encontrar resumos de cada livro da Bíblia. É evidente que, por sua brevidade, não são descrições completas. No entanto, podem ser úteis como uma referência adequada ao conteúdo da Bíblia.

21.1. Antigo Testamento.

GÊNESIS: Este livro, que mostra como era “no princípio”, faz uma narrativa da criação, da relação de Deus com o homem e da promessa de Deus a Abraão e seus descendentes.

ÊXODO: O nome Êxodo significa “saída”. Este livro conta como Deus livrou os israelitas de uma vida de penúrias e escravidão no Egito. Deus fez um pacto com eles e lhes deu leis para ordenar e governar sua vida.

LEVÍTICO: O nome do livro se deriva do nome de uma das doze tribos de Israel. O livro registra todas as leis e regulamentos a respeito de rituais e cerimônias.

NÚMEROS: Os israelitas vagaram pelo deserto durante quarenta anos, antes de entrar em Canaã, “a terra prometida”. O nome do livro se deriva dos censos promovidos durante esse tempo no deserto.

DEUTERONÔMIO: Moisés pronunciou três discursos de despedida pouco antes de morrer. Neles recapitulou, com o povo, todas as leis de Deus para os israelitas. O nome do livro expressa essa “recapitulação” ou “segunda lei”.

JOSUÉ: Josué foi o líder dos exércitos israelitas em suas vitórias sobre seus inimigos, os cananeus. O livro termina descrevendo a divisão da terra entre as doze tribos de Israel.

JUÍZES: Os israelitas constantemente desobedeciam a Deus e caíam nas mãos de países opressores. Deus constituiu juízes para livrá-los da opressão.

RUTE: O amor e a dedicação de Rute à sua sogra, Noemi, são o tema deste livro.

1SAMUEL: Samuel foi o líder de Israel no período compreendido entre os Juízes e Saul, o primeiro rei. Quando a liderança de Saul falhou, Samuel ungiu a Davi como rei.

2SAMUEL: Sob o reinado de Davi, a nação se unificou e se fortaleceu. No entanto, depois dos pecados de Davi, adultério e assassinato, tanto a nação como a família do rei sofreram muito.

1REIS: Este livro inicia com o reinado de Salomão em Israel. Depois de sua morte, o reino se dividiu em consequência da guerra civil entre o Norte e o Sul, resultando no surgimento de duas nações: Israel no Norte e Judá no Sul.

2REIS: Israel foi conquistada pela Assíria em 721 a.C. Judá, pela Babilônia, em 586 a.C. Estes acontecimentos foram considerados como um castigo ao povo pela desobediência às leis de Deus.

1CRÔNICAS: Este livro inicia com as genealogias de Adão até Davi e, em seguida, conta os acontecimentos do reinado de Davi.

2CRÔNICAS: Este livro abrange o mesmo período que 2Reis, mas com ênfase em Judá, o reino do Sul, e seus governantes.

ESDRAS: Depois de estar cativo na Babilônia por algumas décadas, o povo de Deus retornou a Jerusalém. Um de seus líderes era Esdras. Este livro contém a admoestação que Esdras fez ao povo para que este seguisse e honrasse a lei de Deus.

NEEMIAS: Depois do templo, também foi reconstruída a muralha de Jerusalém. Neemias foi quem dirigiu esse empreendimento. Ele também colaborou com Esdras para restaurar o fervor religioso do povo.

ESTER: Este livro relata a história de uma rainha judia da Pérsia, que denunciou um complô que visava destruir seus compatriotas. Com isso ela evitou que todos fossem aniquilados.

JÓ: A pergunta “Por que sofrem os inocentes?” é tratada nesta história bíblica.

SALMOS: Estas 150 orações foram usadas pelos hebreus para expressar sua relação com Deus. Abrangem todo o campo das emoções humanas, desde a alegria até o ódio, da esperança ao desespero.

PROVÉRBIOS: Este é um livro de máximas de sabedoria, de ensinamentos éticos e de senso comum acerca de como viver uma vida reta.

ECLESIASTES: Na sua busca por felicidade e pelo sentido da vida, este escritor, conhecido como “filósofo” ou “pregador”, faz perguntas que continuam presentes na sociedade contemporânea.

CANTARES DE SALOMÃO: Este poema descreve o gozo e o êxtase do amor. Simbolicamente tem sido aplicado ao amor de Deus por Israel e ao amor de Cristo pela Igreja.

ISAÍAS: O profeta Isaías trouxe a mensagem do juízo de Deus às nações, anunciou um rei futuro, à semelhança de Davi, e prometeu uma era de paz e tranquilidade.

JEREMIAS: Muito antes da destruição de Judá pela Babilônia, Jeremias predisse o justo juízo de Deus. Embora sua mensagem seja majoritariamente de destruição, Jeremias também falou do novo pacto com Deus.

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS: Tal qual Jeremias havia predito, Jerusalém caiu cativa da Babilônia. Este livro registra cinco “lamentos” pela cidade caída.

EZEQUIEL: A mensagem de Ezequiel foi dada aos judeus cativos na Babilônia. Ezequiel usou histórias e parábolas para falar do juízo, da esperança e da restauração de Israel.

DANIEL: Daniel se manteve fiel a Deus, mesmo enfrentando muitas pressões quando cativo na Babilônia. Este livro inclui as visões proféticas de Daniel.

OSÉIAS: Oséias se vale de sua experiência conjugal, em que ele era dedicado à sua esposa, mesmo sabendo que ela lhe era infiel, para ilustrar o adultério que Israel tinha cometido contra Deus e para mostrar como o fiel amor de Deus pelo seu povo nunca muda.

JOEL: Depois de uma praga de gafanhotos, Joel admoesta o povo para que se arrependa.

AMÓS: Durante um tempo de prosperidade, este profeta de Judá pregou aos ricos líderes de Israel sobre o juízo de Deus; insistia em que pensassem nos pobres e oprimidos, antes de pensarem em sua própria satisfação.

OBADIAS: Obadias profetizou o juízo sobre Edom, um país vizinho de Israel.

JONAS: Jonas não queria pregar para a gente de Nínive, que era inimiga de seu próprio país. Quando, finalmente, levou a mensagem enviada por Deus, seus habitantes se arrependeram.

MIQUÉIAS: A mensagem de Miquéias para Judá era de juízo, em vez de perdão, esperança e restauração. Especialmente notável é um versículo em que resume o que Deus requer de nós (6.8).

NAUM: Naum anunciou que Deus destruiria o povo de Nínive por sua crueldade na guerra.

HABACUQUE: Este livro apresenta um diálogo entre Deus e Habacuque sobre a justiça e o sofrimento.

SOFONIAS: Este profeta anunciou o Dia do Senhor, que traria juízo a Judá e às nações vizinhas. Esse dia, que haveria de vir, seria de destruição para muitos, mas um pequeno remanescente, sempre fiel a Deus, sobreviveria para abençoar o mundo inteiro.

AGEU: Depois que o povo voltou do exílio, Ageu o admoestou para que dessem prioridade a Deus e reconstruíssem em primeiro lugar o templo, mesmo antes de reconstruírem suas casas.

ZACARIAS: Como Ageu, Zacarias instou o povo a reconstruir o templo, assegurando-lhes a ajuda e bênçãos de Deus. Suas visões apontavam para um futuro brilhante.

MALAQUIAS: Após o retorno do exílio, o povo voltou a descuidar de sua vida religiosa. Malaquias passou a inspirá-los novamente, falando-lhes do “Dia do Senhor”.

21.2. Novo Testamento.

MATEUS: Este Evangelho cita muitos textos do Velho Testamento. Ele se destinava primordialmente ao público judeu, para o qual apresentava Jesus como o Messias prometido nas Escrituras do Velho Testamento. Mateus narra a história de Jesus desde seu nascimento até sua ressurreição e põe ênfase especial nos ensinamentos do Mestre.

MARCOS: Marcos escreveu um Evangelho curto, conciso e cheio de ação. Seu objetivo era aprofundar a fé e a dedicação da comunidade para a qual ele escrevia.

LUCAS: Neste Evangelho é enfatizado como a salvação em Jesus está ao alcance de todos. O evangelista mostra como Jesus estava em contato com as pessoas pobres, com os necessitados e com os que são desprezados pela sociedade.

JOÃO: O Evangelho de João, pela sua forma, se coloca à parte dos outros três. João organiza sua mensagem enfocando sete sinais que apontam para Jesus como Filho de Deus. Seu estilo literário é reflexivo e cheio de imagens e figuras.

ATOS DOS APÓSTOLOS: Quando Jesus deixou os seus discípulos, o Espírito Santo veio habitar com eles. Este livro foi escrito por Lucas para ser um complemento ao seu Evangelho. Ele relata eventos da história e da ação da igreja cristã primitiva, mostrando como a fé se propagou no mundo mediterrâneo de então.

ROMANOS: Nesta importante carta, Paulo escreve aos romanos sobre a vida no Espírito, que é dada pela fé aos que creem em Cristo. O apóstolo reafirma a grande bondade de Deus e declara que, através de Jesus Cristo, Deus nos aceita e nos liberta de nossos pecados.

1CORÍNTIOS: Esta carta trata especificamente dos problemas que a igreja de Corinto estava enfrentando: dissensão, imoralidade, problemas quanto à forma da adoração pública e confusão sobre os dons do Espírito.

2CORÍNTIOS: Nesta carta o apóstolo Paulo escreve sobre seu relacionamento com a igreja de Corinto e as dificuldades que alguns falsos profetas haviam trazido ao seu ministério.

GÁLATAS: Esta carta expõe a liberdade da pessoa que crê em Cristo com respeito à lei. Paulo declara que é somente pela fé que as pessoas são reconciliadas com Deus.

EFÉSIOS: O tema central desta carta é o propósito eterno de Deus: Jesus Cristo é a cabeça da Igreja, que é formada a partir de muitas nações e raças.

FILIPENSES: A ênfase desta carta está no gozo que o crente em Cristo encontra em todas as circunstâncias da vida. O apóstolo Paulo a escreveu quando estava encarcerado.

COLOSSENSES: Nesta carta o apóstolo Paulo diz aos cristãos de Colossos que abandonem suas superstições e que Cristo seja o centro de sua vida.

1TESSALONICENSES: O apóstolo Paulo dá orientações aos cristãos de Tessalônica a respeito da volta de Jesus ao mundo.

2TESSALONICENSES: Como em sua primeira carta, o apóstolo Paulo fala do retorno de Jesus ao mundo. Também trata de preparar os cristãos para a vinda do Senhor.

1TIMÓTEO: Esta carta serve de orientação a Timóteo, um jovem líder da igreja primitiva. O apóstolo Paulo lhe dá conselhos sobre a adoração, o ministério e os relacionamentos dentro da igreja.

2TIMÓTEO: Esta é a última carta escrita pelo apóstolo Paulo. Nela lança um último desafio a seus companheiros de trabalho.

TITO: Tito era ministro em Creta. Nesta carta o apóstolo Paulo o orienta sobre como ajudar os novos cristãos.

FILEMOM: Filemom é instado a perdoar seu escravo, Onésimo, que havia fugido. Filemom deveria aceitá-lo de volta como a um amigo em Cristo.

HEBREUS: Esta carta exorta os novos cristãos a não observarem mais rituais e cerimônias tradicionais, pois, em Cristo, eles já foram cumpridos.

TIAGO: Tiago aconselha os cristãos a viverem na prática sua fé e, além disso, oferece ideias sobre como isso pode ser feito.

1PEDRO: Esta carta foi escrita para confortar os cristãos da igreja primitiva que estavam sendo perseguidos por causa de sua fé.

2PEDRO: Nesta carta o apóstolo Pedro adverte os cristãos sobre os falsos mestres e os estimula a continuarem leais a Deus.

1JOÃO: Esta carta explica verdades básicas sobre a vida cristã com ênfase no mandamento de amarem uns aos outros.

2JOÃO: Esta carta, dirigida à "senhora eleita e aos seus filhos", adverte os cristãos quanto aos falsos profetas.

3JOÃO: Em contraste com sua Segunda Carta, esta fala da necessidade de receber os que pregam a Cristo.

JUDAS: Judas adverte seus leitores sobre a má influência de pessoas alheias à irmandade dos cristãos.

APOCALIPSE: Este livro foi escrito para encorajar os cristãos que estavam sendo perseguidos e para firmá-los na confiança de que Deus cuidará deles. Usando símbolos e visões, o escritor ilustra o triunfo do bem sobre o mal e a criação de uma nova terra e um novo céu.

22. TRADUÇÕES DA BÍBLIA PARA O PORTUGUÊS

O pioneiro na tradução da Bíblia para o português foi D. Diniz (1279 - 1325). Conhecedor de latim clássico e leitor da Vulgata Latina, traduziu até o capítulo 20 do Livro de Gênesis, abrindo caminho para seu sucessor, D. João I (1385 - 1433). Este atribuiu a tradução a padres letrados e o trabalho prosseguiu com seu sucessor, D. João II.

João Ferreira de Almeida.

Nasceu em 1628, próximo a Lisboa. Convertido ao protestantismo, iniciou a tradução da Bíblia aos dezessete anos, mas perdeu seu primeiro manuscrito e reiniciou seu trabalho em 1648.

João Ferreira conhecia hebraico e grego, e utilizou-se de vários manuscritos dessas línguas para compor sua tradução. Em 1676, foi concluída a tradução do Novo Testamento, que só viria a ser publicada em 1681, na Holanda, por problemas de revisão. Quando de sua morte, em 1641, já havia traduzido o Antigo Testamento até o Livro do profeta Ezequiel.

Seu trabalho foi continuado pelo pastor Jacobus op den Akker, de Batávia, em 1748. Cinco anos depois, em 1753, foi impressa a primeira Bíblia em português.

Antônio Pereira de Figueiredo.

Nascido em Portugal em 1725, iniciou a tradução da Bíblia que foi editada em 1819. Baseou sua tradução na Vulgata de Jerônimo, por não dominar outros idiomas, e incluiu nesse trabalho os apócrifos. Essa Bíblia foi muito utilizada em países de língua portuguesa.

Matos Soares.

Publicou uma tradução em 1930, baseada na Vulgata Latina, e incluiu os apócrifos. Sua tradução contou também com comentários a favor dos dogmas da Igreja Católica. Por isso, recebeu o apoio papal sendo a sua tradução a mais popular da Igreja Católica.

23. MÉTODOS DE LEITURA DA BÍBLIA

Existem pelo menos cinco métodos recomendados para a leitura da Bíblia:

1. **Método tópico ou temático.** Consiste em ler a Bíblia por assunto. Para conhecer melhor determinado assunto, procuramos a respeito dele em todos os livros da Bíblia.
2. **Método livro por livro.** Consiste em ler os livros da Bíblia em sua inteireza. Deste modo, conservamos em mira a mensagem total do livro, e temos menos possibilidades de cometer o erro de retirar um versículo de seu contexto.
3. **Método biográfico.** Consiste em ler sobre a vida, obra e caráter dos personagens bíblicos.
4. **Método histórico.** Consiste em ler os fatos mais marcantes ou parecidos dentro da história.
5. **Método cronológico.** Consiste em ler a Bíblia na ordem em que os fatos ocorreram. Para isso é necessário o uso de tabelas de auxiliares.

24. DEZ ESTRATÉGIAS PARA UMA BOA LEITURA DA BÍBLIA

A Bíblia deve ser lida para ser entendida. Mas há mais de uma maneira de lê-la. Abaixo segue dez estratégias que podem torná-lo num leitor de primeira ordem. Cada uma dá diferentes pistas sobre o que o texto significa. Então vejamos:

- ① **Leia a Bíblia com atenção.** A leitura atenta envolve tudo. Quando você se aproxima da Bíblia, concentre-se totalmente. Não coloque a mente em um ponto morto. Aplique a mesma disciplina mental que aplicaria a qualquer assunto pelo qual tem interesse vital. A Bíblia não produz seu fruto ao preguiçoso. A própria verdade de Deus está lá, capaz de transformar a sua vida; mas você tem que aprofundar-se. Tem que penetrar a superfície com mais do que um a simples olhada apressada. Em outras palavras, você tem que pensar.
- ② **Leia a Bíblia repetidamente.** A genialidade da Palavra de Deus é que ela tem poder sustentador, podendo resistir à exposição repetida. Na verdade, é por isso que difere de qualquer livro. Se você é um *expert* em determinada área, ler um livro de sua área duas ou três vezes será suficiente. Poderá colocá-la na estante e prosseguir para outro livro. Mas isso nunca acontece com a Bíblia. Leia-a repetidas vezes, e ainda verá coisas que não tinha visto antes. Para te ajudar neste processo você pode: ler livros inteiros de uma só vez, ler a Bíblia em diferentes traduções, ouvir fitas as Escrituras, ler a Bíblia em voz alta e estipular uma agenda para a leitura bíblica.

③ **Leia a Bíblia pacientemente.** Há um velho ditado que diz que nada bom acontece rápido. Não sei se é totalmente verdadeiro, mas realmente se aplica ao estudo bíblico. A menos que você tenha hábitos de leitura altamente desenvolvidos, é improvável que você possa simplesmente mergulhar na Palavra de Deus por cinco minutos e sair dela com muito significado. Na verdade, leitores altamente habilitados devotam muito mais de cinco minutos a tarefa. Esta é uma tarefa difícil para a maioria de nós. Vivemos numa sociedade instantânea. As coisas que costumávamos querer para amanhã, hoje queremos agora. Aquilo de que precisávamos imediatamente, hoje precisamos para ontem. Assim, não é surpresa que, se decidimos abrir nossas Bíblias, esperemos resultados instantaneamente e sem esforço. Se não ganhamos o prêmio logo, é possível que fiquemos bastantes frustrados muito rapidamente. Mas o fruto da Palavra leva tempo para amadurecer. Se você é um pouquinho impaciente que seja, é provável que desista cedo e perca uma rica colheita. Muitas pessoas fazem isso; se desiludem com o processo. Talvez estejam procurando um passatempo ao invés de esclarecimento. Muitos pensam que ler a Bíblia é como arar concreto. Outros desistem do texto bíblico e se voltam para fontes secundárias. Nota: não é há nada de errado com o uso de fontes secundárias – depois que você embebeu sua mente no que o texto bíblico diz.

④ **Leia a Bíblia seletivamente.** Procure selecionar as pessoas que estão no texto, qual a situação que elas estão vivendo, tente descobrir onde a narrativa está acontecendo e qual a importância desse fato ou situação terem sido narrados. Você também pode, ao ler o texto bíblico, tentar responder a seguinte pergunta: “*que diferença isso faria em minha vida se eu fosse aplicar essa verdade?*”.

⑤ **Leia a Bíblia com oração.** Nossa tendência é pensar que o estudo bíblico e a oração são duas disciplinas separadas, mas o fato é que elas estão integralmente relacionadas. A oração é realmente uma chave para o estudo bíblico efetivo. Aprenda a orar antes, durante e após a leitura das Escrituras. A oração é particularmente crucial quando se chega a um lugar no estudo onde se está perdido e confuso. Este é um bom momento de parar e levar uma conversa com Deus. “Senhor, não consigo fazer com que esta passagem faça sentido. Não a entendo. Dê-me discernimento. Ajude-me a descobrir a Sua verdade”.

⑥ **Leia a Bíblia imaginativamente.** É triste, mas verdade, que uma pessoa comum pense em ler a Bíblia como algo terrivelmente enfadonho e que a única coisa mais enfadonha realmente seria ouvir alguém ensinar a Bíblia. Porém, a razão pela qual as Escrituras parecem desinteressantes para muitas pessoas é que nos achegamos a elas desinteressados. Uma das coisas que as pessoas deveriam fazer quando estudam a Bíblia, é esta simples oração: “Senhor, veste os fatos de fascínio. Ajuda-me a entrar na pele destas pessoas – a ver através de seus olhos, sentir com seus dedos, entender com seus corações e saber com suas mentes”. Então a Palavra de Deus reviveria. Eis algumas sugestões de como ler a Bíblia imaginativamente: use diferentes traduções e paráfrases, reescreva o texto em sua própria

paráfrase, leia as escrituras em uma língua diferente. Peça que alguém leia o texto em voz alta. Varie seu ambiente de leitura (experimente ler a Bíblia perto de um lago ou praia).

⑦ **Leia a Bíblia meditativamente.** Em outras palavras, aprenda a refletir nela. Isso é difícil porque muitos de nos estão vivendo na “via expressa”. Nos tempos antigos, se as pessoas perdessem o trem, diziam: “Tudo bem, o pegamos na semana que vem”. Hoje, se alguém perde um degrau da escada rolante, tem uma crise nervosa. Como resultado disso, a leitura meditativa da Bíblia tem sido desfavorecida. Vivemos numa sociedade instantânea. Quer ver televisão? E só apertar o botão, e você tem cor e som instantaneamente. Quer café? E só dissolver alguns granulados de café em água fervente, e tem café instantâneo. Mas não existe espiritualidade instantânea. E por isso que as Escrituras falam tão frequentemente sobre meditação.

⑧ **Leia a Bíblia com propósito.** Leitura propositada é aquela que procura pelo objetivo do autor. Não há um versículo das Escrituras que tenha sido lançado nelas por acidente. Toda palavra contribui para o significado. Seu desafio como leitor é discernir tal significado. Como fazê-lo? Uma das chaves é atentar para a estrutura. Todo livro da Bíblia tem estrutura tanto gramatical (verbos, sujeitos etc.) quanto literária (geográfica, cronológica, ideológica etc.).

⑨ **Leia a Bíblia aquisitivamente.** Isto é, leia-a não apenas para receber informação, mas para reter; não meramente para tomar conhecimento, mas para tomar posse. Reivindique os seus direitos sobre o texto. Faça dele sua propriedade particular. Como isso pode acontecer? A chave é o envolvimento pessoal a ativo no processo. Estudos da psicologia moderna comprovaram que: lembramo-nos no máximo de apenas 10% daquilo que ouvimos, 50% daquilo que vimos e ouvimos, mas 90% daquilo que fazemos, vemos e ouvimos. O que importa se alguém consegue decorar vários versículos da Bíblia. O importante é se ele ou ela sabe trabalhar com o texto da Palavra para entendê-lo, tomar posse dele e aplicá-lo.

⑩ **Leia telescopicamente.** Ler telescopicamente significa ter uma visão das partes à luz do todo. Ela não é simplesmente uma coleção de partes. É uma mensagem integrada na qual o todo é maior do que a soma de suas partes. Matematicamente está errado, mas metodicamente está correto. Mesmo assim, o que acontece muitas vezes em estudos e no ensino da Bíblia é que a fracionamos constantemente, até que não reste nada a não ser cestos de fragmentos. O que precisamos hoje são pessoas que possam juntar as partes novamente, formando um todo significativo e poderoso. Assim, toda vez que lê e analisa as Escrituras, toda vez que a divide em partes, reconhece que fez somente metade do trabalho. Sua próxima tarefa é juntá-las novamente. Para isso, avalie a passagem à luz do livro como um todo e considere o contexto histórico do livro.

BIBLIOGRAFIA

- BANCROFT, Emery H.. *Teologia Elementar; Doutrinária e Conservadora*. São Paulo: IBR, 1966. 43-45, 101, 109, 114-115, 118 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Trad. J. M. Bentes. 7. ed. São Paulo: Hagnos, 2004. 1037 p.
- COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento – Volume II (N-Z)*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2.774 p.
- DOUGLAS, J.D.. *O novo dicionário da Bíblia*. Trad. João M. Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1680 p.
- FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?; um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 1984. 334 p.
- GEISLER, Norman L.. *A inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras*. São Paulo: Vida, 2003. 554 p.
- GEISLER, Norman L.; HOWE, Tomas. *Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*. 5. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. 544 p.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K.. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Teixeira Sayão, Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1.790 p.
- HENDRICKS, Howard G. & HENDRICKS, William D.. *Vivendo na Palavra*. 3. ed. São Paulo: Batista Regular, 2007. 312 p.
- HENRICHSEN, Walter A.. *Métodos de estudo bíblico*. Trad. Odair Olivetti. 7. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997. 120 p.
- HESTER, Huberto Inman. *O livro dos livros*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1983. 179 p.
- LaHaye, Tim. *Como estudar a Bíblia sozinho*. 5. ed. Belo Horizonte: Betânia, 1984. 160 p.
- RYRIE, Charles C.. *Como pregar doutrinas bíblicas*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. 96 p.
- SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G.. *Novo Testamento interlinear – grego/português*. Barueri: SBB, 2004. 979 p.
- TAYLOR, W. C.. *Dicionário do Novo Testamento grego*. 10. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. 247 p.
- VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.